

## "Sons, signaes, ou accenos" A comunicação na *Gramática Filosófica* de Melo Bacelar\*

JOSÉ TEIXEIRA  
(Universidade do Minho)

Quando os nossos primeiros pais ampliáram, e regularão os sons innatos compuzerão a lingua, que se chamou v. gr. *Hebraica*. Esta se dividio na Torre de Babel em *Syriaca, Chaldaica, Arabe, Grega, Latina, Gotica, Asturiana etc.* das quaes participa a *Portugueza*. (BACELAR 1783:8)

Com uma introdução deste calibre, qualquer linguista diria que uma gramática que, no final do século XVIII, assim começa, não deve ter nada que se aproveite. Esta concepção da linguagem e das línguas como criação divina é diametralmente oposta à indiscutível visão que todos temos do fenómeno linguístico.

No entanto, o curioso é que com esta concepção, coexistem pormenores de visão daquela actividade humana que hoje atraem particularmente os linguistas. Poderíamos dizer que se a Gramática de Melo Bacelar não passa de um amontoado de pedra bruta, se procurarmos bem, talvez encontremos pequenas gemas que, se não são diamantes, talvez possam, bem aproveitadas, ser pelo menos semi-preciosas.

Neste âmbito, desviando-se da tão pouco prometedora introdução há pouco referida, para Melo Bacelar o processo linguístico liga-se indissociavelmente ao processo comunicativo. Este, no seu sentido geral, é a origem daquele. Foi a intercomunicação dos homens em sociedade que levou ao surgimento da linguagem humana, ou seja, foi a linguagem entre as primitivas comunidades pré-humanas que levou à língua. Afirma Melo Bacelar:

Começarão os homens a traficar, e comunicar-se mais, e mais; e para este fim inventarão cópia de sons. Destes, e dos innatos derivarão outros: e determinando as leis de os collocar vierão desta sorte a ter huma perfeita *lingua de comunicação*. (Bacelar 1783:8)

\*Gostaria de dedicar esta pequena incursão numa área que não me é propriamente familiar, a História da Língua, ao Professor José de Azevedo Ferreira, com quem na Universidade do Minho trabalhei.

A expressão "*língua de comunicação*" aparece destacada em itálico no texto original, o que parece acentuar a importância que Melo Bacelar atribuía à comunicação como finalidade exclusiva da língua. Aliás, daqui ele tira duas consequências que enumera:

Daqui se segue: 1. que os sons regulados são, o *objecto*, e *partes* da Grammatica Philosophica: 2. que o seu *fim* he a comunicação, que por estes sons se alcança.(Bacelar 1783:8)

Melo Bacelar, como se vê, fez da vertente comunicativa, em sentido lato, a única finalidade da língua. E não terá mais acerto do que quem mais tarde colocava a comunicação lado a lado com outras facetes, a que chamaram funções, que só **dentro** da comunicação têm razão de ser?

Para Melo Bacelar, poderíamos nós dizer hoje, a linguagem não tem funções - três, seis, doze ou outro qualquer número à vontade do linguista-freguês. A linguagem verbal tem uma função: *comunicar*. Tem é várias formas de comunicar: dar ordens, voltar-se sobre ela própria, exprimir sentimentos, transformar-se em arte, etc., são **facetes**, são formas que a língua pode tomar. A função continua a ser a mesma, a única que tem: **comunicar**.

A função comunicativa da linguagem é a única forma de criar aquilo a que chamamos "comunidade". Sem língua, não haveria comunidade. Melo Bacelar, logo no segundo parágrafo da Gramática vinca bem este facto:

Como todos os homens nascêrão para a Sociedade, a todos os homens fez nascer o sapientissimo Creador com os mais necessarios sons, signaes, ou accenos, para com elles se poderem comunicar reciprocamente, e viverem em companhia.(Bacelar 1783:7)

A relação comunicação/comunidade nos seres humanos é confirmada nas sociedades não-humanas. Também nestas, em parte, sublinha Melo Bacelar, se verifica o mesmo fenómeno:

He tão clara esta verdade, que ainda nos mesmos brutos se vê em parte verificada.(Bacelar 1783:7)

É interessante este paralelismo entre a comunicação humana e a comunicação animal, por um lado, e como, por outro, qualquer uma delas é o cimento dos respectivos grupos sociais. Se além disso nos recordarmos da relação causa-efeito que Melo Bacelar estabelece nas sociedades humanas ou pré-humanas entre a linguagem em sentido lato (comunicar) e a língua, dificilmente percebemos como estas perspectivas coexistem com a crença da origem da linguagem como criação divina e do hebreu como primeira língua da humanidade. Será que Melo Bacelar não se terá dado conta da contradição? Ou será que uma vertente espelha o que a sua razão lhe ditava e a outra o que a Real Mesa Censória queria?

De qualquer modo, e sintetizando, para Melo Bacelar a finalidade da língua é a **comunicação em sociedade**. Pobre e de pouca validade seria, no entanto, esta posição se aparecesse desligada do restante espírito da Gramática. Não é, porém, o que acontece. A noção de palavra e a noção de significado decorrem desta valoração de comunicação em sociedade.

Convém desde já prevenir que Melo Bacelar utiliza quase como equivalentes expressões e termos como "Agente Gramatical", "Nominativo", "nome" e ainda

“sons”. Estes termos, embora por vezes apareçam contrapostos, traduzem uma certa equivalência lexicológica. A denominação “Agente Gramatical” é relativa ao desempenho da função de sujeito da frase, “nominativo” enquanto representante-tipo da classe morfológica nominal a que a palavra pertence, “nome” se tomada, a palavra, na sua individualidade morfo-semântica e “som” na vertente signica. Mas, no fundo, os termos desta quádrupla terminologia equivalem-se, como ele expressamente afirma:

O Agente Gramatical, ou nominativo he o som, ou palavra, que nomêa, ou representa tudo aquillo, que neste mundo, ou na oração obra, he etc. Qualquer cousa, que d’algum modo obrar, ou servir de objecto á nossa contemplação, não se póde explicar aos mais, senão por um som, ou palavra em nominativo. (Bacelar 1783:15)

Como atrás se dizia, a noção de palavra e de significado brotam naturalmente da relação que Melo Bacelar estabelece entre sociedade e comunicação. Assim, define as palavras como

os sons que comunicação aos outros os nossos conceitos. (Bacelar 1783:7)

Cá está uma definição curta, mas eficaz, que duzentos anos mais tarde e depois de ter sido quase anatematizada, volta, na semântica cognitiva, a ser posta em destaque. A esta definição chamemos-lhe “signo” e temos exactamente o ponto de partida saussureano para o famoso *Curso de Linguística Geral*: a união de *sons* com *conceitos*.

Melo Bacelar não se fica por aqui e em nota de rodapé, dá-se ao preciosismo de dissecar o que se deve entender por “conceito”:

o que vimos, ouvimos, e ideamos. (Bacelar 1783:7, nota (a))

Significa isto que o conceito, ou seja, o significado das palavras é “fabricado” individualmente, e não é um qualquer bloco semântico herdado e bebido na sociedade.

Neste aspecto Melo Bacelar é muito mais “actual” que Saussure. Para este, os mecanismos linguísticos são sociais, colectivos. Saussure afirma que

a língua é de todas as instituições sociais a que oferece menor margem às iniciativas. (Saussure 1978: 133)

Para Saussure as palavras e os conceitos são essencialmente colectivos:

A língua existe na colectividade sob a forma de uma série de marcas depositadas em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário de que todos os exemplares, idênticos, estivessem repartidos entre todos os indivíduos. (Saussure 1978: 49)

Ao contrário do que talvez seria de esperar de uma gramática que se auto-denomina “filosófica”, o valor semântico da palavra não é encarado como algo racionalmente organizado, mas antes como um aglomerado de evocações que por resultarem de um processo de organização/cognição individual não se podem “explicar aos mais”.

É de notar como o carácter individual da apreensão/ construção semântica da palavra/conceito se opõe à faceta iminentemente social da linguagem, como atrás se viu.

Para Melo Bacelar, ao invés de Saussure, os conceitos são usados na colectividade, mas intrinsecamente individuais. Eles são, como afirma, “o que vimos, ouvimos, e ideamos”. Ou, ainda noutra passagem já citada, os conceitos são construídos por um processo de conhecimento/aprendizagem individual a partir do mundo que nos rodeia. A forma que temos de manipular, manusear intelectualmente o mundo é transformá-lo em conceitos/palavras:

Qualquer cousa, que d’algum modo obrar, ou servir de objecto á nossa contemplação, não se póde explicar aos mais, senão por hum som, ou palavra em nominativo.(Bacelar 1783:15)

Como se verifica, a origem psicossomática da díade nome/conceito é a **contemplação**, ou seja, diríamos hoje sem deturpar a intenção de Melo Bacelar, a **cognição**.

A palavra (nome), porque preenchida pelo conceito resultante deste fenómeno cognitivo é algo que se constrói a partir de uma síntese individual, característica bem acentuada nas duas vertentes: na apreensão da realidade (“objecto á nossa contemplação”); e na comunicação da realidade apreendida (“**não se pode explicar aos mais, senão por hum som, ou palavra em nominativo**”).

A definição de “conceito” já citada (“o que vimos, ouvimos, e ideamos”) sintetiza todo este processo: quer dizer que um conceito resulta da aprendizagem/cognição individual através dos sentidos, essencialmente da visão e da audição. A partir daqui, nós “ideamos”, ou seja, construímos uma ideia, uma imagem mental que vai valer por um conceito/significado. O neuro-cirurgião António Damásio ou um linguista da semântica cognitiva não teriam dificuldade em subscrever este ponto de vista.

É particularmente interessante o detalhe de Melo Bacelar focar a linguagem dos gestos como uma das vertentes fundamentais na comunicação linguística. Permite-se recordar algumas linhas da introdução que apresenta:

Como todos os homens nascêrão para a Sociedade, a todos os homens fez nascer o sapientíssimo Creador com os mais necessarios sons, signaes, ou **accenos** (sulinhado nosso), para com elles se poderem communicar reciprocamente, e viverem em companhia. (Bacelar 1783:7)

E a prova que para ele os gestos, ou “accenos” são uma parte fundamental das línguas, é que nas notas de rodapé dessa página coloca a *Pantomina*, a arte (ou ciência) que estuda os gestos, ao lado da Gramática e da Ortografia como os três vértices do estudo da linguagem humana.

Esta perspectiva permaneceu completamente ignorada pela linguística clássica e só nos últimos anos se tem insistido na necessidade de não esquecer esta componente suprasegmental da língua. Melo Bacelar, honra lhe seja feita, já há mais de duzentos anos assim pensava.

A palavra, na sua vertente semântica/conceptual é pois uma realidade primordialmente sensitiva, captada pela percepção individual, servindo-se esta de todos os modos e formas que o ser humano tem para se manifestar e para apreender as manifestações dos outros. Não se quer dizer com isto que Melo Bacelar deva ser considerado, *avant la lettre*, um precursor da semântica cognitiva. Apenas, que do meio de todo o cascalho transparece uma conceituação sobre

a realidade linguística que, em certos aspectos, se aproxima muito dos caminhos que nos últimos anos a Semântica tem tentado percorrer.

Um outro pormenor da Gramática de Melo Bacelar que pessoalmente acho interessante é a relação que ele, não explicitamente, estabelece entre as preposições e a delimitação espacial.

A definição de preposição que se encontra no capítulo V, intitulado "*Dos Adjuntos ao Agente, ou Nominativo*" apresenta a preposição como regente de caso, o que se enquadra na visão desta Gramática que considera as relações sintáticas como relações casuais. A definição que apresenta é a seguinte:

*A Preposição* he um som indeclinavel, que sendo na oração anteposto a outro, o rege *para o caso*, que deve ter; v. gr. *para* he preposição, que anteposta a palavra *caso*, o rege para a terminação d'accusativo, que em tal modo de falar deve ter. (Bacelar 1783:44)

Note-se que a preposição é apresentada como *regente* e a palavra seguinte como *regido*, análise revalorizada por algumas teorias linguísticas dos nossos dias.

Uma visão mais atenta faz-nos reparar que para Melo Bacelar a preposição não pertence a um paradigma fechado, mas bastante aberto. Na verdade, logo a seguir à definição de preposição apresenta uma lista que é apenas indicadora de algumas preposições. Estas são divididas em quatro espécies: lugar, movimento, quietação e indiferença:

Ha *Preposições de lugar*; v. g. antes, allém, aquém, até, desde, detrás, diante, dentro, entre: em, na, nas, no, nos: fóra, longe, perto, perante, sob, sobre: *de movimento*, v.g. apôs, atrás, contra: para: *de quietação* a, com, em, no: *de indiferença*, a, acerca, com, conforme, contra: de, da, das, do, dos: depois: por, pella, pellas, pello, pellos: segundo, sem. (Bacelar 1783:44)

Atente-se no pormenor de tanto na primeira como na segunda subdivisão (*lugar // movimento*) os exemplos apresentados serem introduzidos pela abreviatura "v.g.", *verbi gratia* (significando, naturalmente, "por exemplo"). Na terceira e quarta subdivisões (*quietação // indiferença*) ou porque se esqueceu, ou porque achou que os dois vê-gês anteriores chegavam, não os repetiu.

Mas a particularidade mais curiosa é a própria subdivisão das preposições que apresenta e a ordem dessas mesmas subdivisões, que aqui, penso não ser arbitrária.

As primeiras preposições são as de *lugar*; depois as de *movimento*, ou seja, "mudança de lugar"; a seguir as de *quietação*, igual a "permanência no lugar"; por último as de *indiferença*. Mas "indiferença" relativamente a quê? - Relativamente à marca semântica "lugar/espço". Se repararmos bem, no entanto, as preposições apresentadas como "indiferentes", até não o são. Podem não ser tão prototipicamente espaciais como as anteriores, mas são aceitáveis quase todas como referenciadoras de espaço: *a, acerca, contra, de, depois, por* podem todas ter um valor espacial.

A provar esta visão espacial daquilo que é apresentado como preposições, num outro ponto da Gramática (Capítulo II da 3ª parte - e não 4ª parte, como indica uma nota de rodapé) aparece uma outra lista que não coincide com as atrás apresentadas.

O capítulo intitula-se "*Da Accommodação do Accionado, ou do Paciente á Acção, ou ao Verbo; e a dos Adjuntos ao Accionado*". Nada tem, por conseguinte, a ver com

as noções de deíxis espacial. Na alínea (c) da página 106 os itens apresentados são todos prototipicamente marcadores espaciais:

abaixo, acerca, acima, antes, allem, aquém, após, àrôda, atrás, defronte, detrás, diante, depois, dentro, fóra, longe. (Bacelar 1783:106, alínea (c))

A acrescentar a tudo isto, repare-se que muitos dos marcadores espaciais indicados como preposições, assim não são considerados pelas gramáticas tradicionais: *antes, além, aquém, detrás, diante, dentro, fora, abaixo, acima, atrás, longe, perto, etc.*

Por estes exemplos se depreende que para Melo Bacelar a linha unificadora do conceito de preposição passava, sem dúvida, pela espacialidade, visão que a mim particularmente me atrai.

Este e outros pontos desta obra de Melo Bacelar mostram como numa Gramática que apresenta tantas etimologias disparatadas, que ainda interpreta literalmente o mito da Torre de Babel, que defende que o português tem mais a ver com o grego do que com o latim, já que, diz ele, "*a Lingua Grega foi hum'a das mais antigas linguas, que os Portugueses falarão*" (p. 11), numa gramática como esta, dizíamos, ainda aparecem pequenas preciosidades e pontos de vista actualmente revalorizados. Pura e simplesmente rejeitá-la dizendo que é disparatada, pode ser deitar fora a criança com a água do banho.

#### BIBLIOGRAFIA

- BACELAR, Bernardo de Lima e Melo, *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, reprodução fac-similada da edição de 1783, com introdução e notas de Amadeu Torres, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1996.
- SAUSSURE, Ferdinand de, *Curso de Linguística Geral*, Lisboa, Dom Quixote, 1978.